



A graça do nós

Carta aos
irmãos
SETEMBRO 2026

Queridos irmãos e irmãs nas Escolas Pias,

São Paulo utilizava a imagem do corpo para nos advertir sobre uma ilusão frequente: que o olho chegue a dizer à mão: “não preciso de você”. Cada membro, concentrado em sua própria função, pode deixar de perceber o quanto depende dos demais. Conseguir que membros tão diferentes vivam e atuem conscientes de que são um só corpo é um verdadeiro desafio de orquestração.

Essa referência da Carta aos Coríntios (1Cor 12,21) me vem à mente naqueles momentos em que precisamos nos coordenar com muitas pessoas e harmonizar diferentes opiniões e maneiras de fazer as coisas, em meio a sensibilidades, culturas e realidades diversas. Todos temos projetos, prioridades, urgências, formas de compreender a realidade e também agendas, e nem sempre isso é simples. Com um sorriso, já pensei nisso algumas vezes no contexto de nossa vida religiosa. Talvez vocês tenham tido essa mesma sensação.

Circula entre nós uma espirituosa brincadeira de sobremesa escolápia: que o dia do juízo final encontrará os escolápios reunidos — e isso quando esse comentário surgiu muito antes das reuniões virtuais! Certamente há

alguma verdade nisso, e é bom que nos reunamos: precisamos nos encontrar, ouvir uns aos outros, deliberar e tomar decisões juntos. Mas mesmo uma reunião eficaz não significa, necessariamente, que estejamos caminhando juntos.

Por isso, gostaria de dedicar esta *Salutatio* a uma realidade que é essencial para nós: **a comunhão**. Gostaria de fazê-lo pensando especialmente na comunhão **nas** Escolas Pias e **com** as Escolas Pias, duas preposições que nos permitem entrar em uma dimensão constitutiva e eclesial da Ordem.

O difícil nascimento do **nós**.

Convém esclarecer onde nasce esse “nós”. Ele não nasce no abstrato: o corpo — as Escolas Pias — já existe. **O que precisa nascer, e nem sempre é fácil, é o nós em mim**. Nesse sentido, nascimento e reconhecimento quase coincidem: reconhecer é permitir que uma realidade que já existe venha à vida em mim e comece a fazer parte da minha maneira de compreender a mim mesmo.

A comunhão não é uniformidade, nem simples coexistência. A uniformidade pretende resolver a dificuldade de viver juntos eliminando as diferenças. O individualismo tenta resolvê-la prescindindo dos vínculos. Uma diz: **“todos iguais”**. O outro: **“cada um basta a si mesmo”**. Aqui convém introduzir uma distinção sutil: **a comunhão não é uma terceira via entre essas duas posições, mas a realidade que ambas interpretam de maneira equivocada; é o reconhecimento daquilo que somos**: diferentes, mas vinculados; livres, mas corresponsáveis uns pelos outros; com identidade própria, mas pertencentes a um corpo que nos supera.

Há aqui algo autenticamente humano e autenticamente cristão. Não chegamos a ser plenamente nós mesmos na solidão: nossa identidade é também relacional. O outro não é simplesmente alguém que se acrescenta à minha existência, mas alguém diante de quem também

descubro quem sou.¹ Estamos feitos de vínculos, de encontros, de palavras recebidas e oferecidas, de uma história que não construímos sozinhos. Por isso, o **“nós”** não ameaça a identidade pessoal nem exige que renunciemos a ela; ao contrário, coloca-a em uma verdade mais profunda. **O “eu” não desaparece quando nasce o “nós”; paradoxalmente, é na relação que ele descobre grande parte de sua verdade**.

Se antropologicamente somos seres relacionais, a fé cristã nos leva ainda mais longe: descobrimos que a comunhão tem seu fundamento último no próprio Deus. **O Deus cristão não é isolamento, é comunhão**. Pai, Filho e Espírito Santo são um sem deixarem de ser distintos. A diferença não ameaça a unidade, e a unidade não elimina a diferença.

Por isso, **o contrário da comunhão não é a diversidade; é a desvinculação**.

Jesus expressa isso de maneira extraordinária em sua oração ao Pai: **“Que todos sejam um; como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”** (Jo 17,21). Nossa comunhão, portanto, não é apenas uma questão doméstica: **é missão**. Podemos educar para a convivência, falar de paz e anunciar que toda pessoa é irmã; mas, se vivemos fragmentados, algo essencial do nosso testemunho perde força.

A comunhão começa a enfraquecer quando o outro deixa de contar para mim; quando suas necessidades já não modificam minhas decisões. Talvez essa seja uma das tentações mais sutis de qualquer instituição: não romper explicitamente a comunhão, mas começar a pensar que **não precisamos dos outros**.

In Illo uno unum.

O Papa Leão XIV escolheu como lema esta expressão de Santo Agostinho, que procede de seu comentário ao Salmo 127. O contexto é particularmente bonito. O santo de Hipona pergunta como podemos ser muitos e, ao mesmo tempo, um. E encontra a

1.- Formulación especialmente significativa en Martin Buber, *Yo Tú* (Ich und Du, 1923), y, de modo más amplio, en la tradición personalista, particularmente en Emmanuel Mounier.

2.- Multi homines sunt, et unus homo est; multi enim Christiani, et unus Christus [...] non ille unus et nos multi, sed et nos multi in illo uno unum. San Agustín, *Enarrationes in Psalmos* 127, 3.

resposta em Cristo: somos membros de um mesmo corpo, unidos a Ele e unidos também uns aos outros. Não deixamos de ser diferentes, mas já não podemos compreender-nos de maneira isolada, como se os outros não tivessem nada a ver conosco.

“Somos muitos cristãos e um só Cristo [...] sendo nós muitos, naquele único somos um.”²

Não se trata, portanto, de um convite genérico para convivermos bem. A afirmação é muito mais radical. **Nossa unidade não é fabricada por nós. Nós a recebemos.** Ela não nasce primeiramente de um consenso, de uma organização mais eficaz, nem mesmo de uma vontade generosa de colaboração. Nasce de nossa incorporação a Cristo.

Leão XIV, em um encontro com educadores, recordou que *essa dimensão do “com”, constantemente presente nos escritos de Santo Agostinho, é fundamental nos contextos educativos, como desafio para “sair de si mesmo” e como estímulo para crescer.*³

Aqui encontramos uma chave fundamental da comunhão cristã. O “nós” não se constrói simplesmente acrescentando muitos “eus”. Ele nasce quando cada “eu” aceita deixar de ser o seu próprio centro. **A comunhão exige certo descentramento:** reconhecer que minha vocação não é exclusivamente minha, que os dons recebidos não me pertencem inteiramente e que também nossa comunidade, nossa obra ou nossa Demarcação não existem para si mesmas.

Parece-me especialmente oportuno o lema pastoral deste ano: **“somos um”**. Mais do que um lema anual, é um chamado a viver de maneira mais verdadeira aquilo que já somos e, ao mesmo tempo, aquilo que ainda somos chamados a ser.

Na Ordem e com a Ordem

Gostaria agora de levar esta reflexão para nossa

vida escolápi. Podemos falar, em primeiro lugar, da **comunhão na Ordem**. É a comunhão que procuramos viver onde estamos: em nossas equipes, comunidades, grupos do Movimento Calasanz, fraternidades, instituições ou Demarcações... Todos sabemos reconhecer quando essa comunhão existe e também quando ela falta. Experimentamo-la quando nos sentimos ouvidos e levados em consideração, quando compartilhamos responsabilidades, quando as decisões não são tomadas pensando somente em nós mesmos, quando podemos contar com os outros e quando as alegrias ou dificuldades de outra pessoa chegam a nos afetar. É, no fundo, o **“nós” que desejamos encontrar nos lugares concretos onde vivemos nossa vocação e nossa missão.**

Essa mesma experiência nos convida a dar um passo além: crescer também na **comunhão com a Ordem**. Porque aquilo que esperamos de nossa comunidade, de nossa obra ou de nosso grupo — que ninguém viva unicamente para si mesmo, que nos interessemos uns pelos outros, que compartilhemos aquilo que somos e temos — é também o que somos chamados a viver com o conjunto das Escolas Pias. **O “em” nos conduz assim ao “com”:** a comunhão que buscamos em nossos espaços mais próximos amplia progressivamente seu horizonte até nos fazer sentir parte de um corpo maior.

Estar em comunhão **com** a Ordem pressupõe desenvolver um verdadeiro **sentire cum Ordine**: sentir como próprias as alegrias, feridas, necessidades, desafios e esperanças do conjunto das Escolas Pias. Não perguntar somente: **“Do que minha comunidade, minha obra ou minha Demarcação precisa?”**, mas ampliar o olhar e perguntar também: **“Do que as Escolas Pias precisam hoje?”** Parece uma pequena mudança de perspectiva, mas pode transformar muitas decisões.

O dom e o limite do sentimento de pertença.

As Demarcações são necessárias e valiosas porque nos permitem estar próximos das pessoas, inculturar

.....
³ - León XIV, Discurso a los educadores, con motivo del Jubileo del Mundo Educativo, 31 de octubre de 2025.

a missão e responder a realidades muito diversas. Esse sentimento de pertença, verdadeiramente valioso, encontra seu sentido pleno quando é vivido dentro de uma pertença mais ampla e não se transforma em nossa referência última. Por isso, convém recordar algo simples: não pertencemos às Escolas Pias porque pertencemos a uma Demarcação; **pertencemos a uma Demarcação porque pertencemos às Escolas Pias**. Isso não diminui o valor das Demarcações; pelo contrário, dá a elas seu verdadeiro sentido.

A comunhão se concretiza quando uma comunidade deixa de viver como uma ilha, quando sabemos olhar para além de nossa realidade imediata, quando uma necessidade a milhares de quilômetros começa a parecer também nossa ou **quando nos alegramos por uma nova presença escolápia como algo próprio**. Uma Demarcação forte também o é por sua capacidade de colocar seus dons a serviço do conjunto; uma Demarcação que atravessa dificuldades faz parte do nosso próprio corpo.

Quero também agradecer a tantas pessoas que já vivem assim sua pertença às Escolas Pias. Religiosos e leigos que oferecem generosamente seu tempo, suas capacidades e sua disponibilidade; comunidades e Demarcações que compartilham pessoas, experiências e recursos; iniciativas e redes das Escolas Pias que nos permitem trabalhar mais em comunhão. São muitos os gestos, grandes e pequenos, que encontro em nossas Demarcações e que tornam visível este caminhar juntos. **Obrigado por essa generosidade e por essa maneira de se sentir escolápio e de fazer próprias as Escolas Pias**.

Uma bela expressão de maturidade vocacional é ampliar progressivamente o sentido daquilo que chamamos de “nosso”. **A comunhão alarga o coração**. Este é o *sentire cum Ordine* de que precisamos: não uma adesão institucional, mas uma verdadeira **espiritualidade da comunhão**. Se esta

é uma dádiva, nossa tarefa não consiste tanto em construir um nós, mas em aprender a reconhecê-lo e recebê-lo. É um trabalho espiritual, feito de atenção e conversão, para que aquilo que já é verdade também chegue a ser verdade para mim. O próprio verbo *sentire* expressa bem isso: não se trata apenas de organizar melhor nossa pertença, mas de senti-la, até podermos experimentar: **“o que acontece às Escolas Pias diz respeito a mim”**.

No final, a questão da comunhão acaba sendo muito concreta: **Que decisão tomaríamos de maneira diferente se pensássemos primeiro como Escolas Pias e depois como comunidade, obra ou Demarcação?**

Uma pergunta ainda mais simples — e mais difícil: **Quando digo “nós”, quem realmente está incluído nesse “nós”?** Talvez seja uma boa pergunta para nossas comunidades, equipes, obras e Capítulos. E também para cada um de nós.

Jesus pediu ao Pai que fôssemos um. Não para que fôssemos mais fortes, nem mesmo para que nossa organização funcionasse melhor, **mas para que o mundo creia**.

Que São José de Calasanz nos ensine a alargar nosso coração para sentir como próprio tudo aquilo que se vive nas Escolas Pias.

Que Deus, Pai bom, nos conceda a graça de nos reconhecermos uns nos outros e faça das Escolas Pias uma verdadeira comunhão para a missão.

Amém.

Padre Carles, Sch. P.

Padre Geral

San Pantaleo, 28 de agosto de 2026, san Agustín.